



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**LÍCIA SOBROSA MACHADO (2)**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-468

**Entrevistada:** Lícia Sobrosa Machado

**Nascimento:** 30/08/1987

**Local da entrevista:** Centro de Memória do Esporte

**Entrevistadoras:** Luiza Aguiar dos Anjos e Pamela Siqueira Joras

**Data da entrevista:** 24/09/2014

**Transcrição:** Raquel Helena Ritter Braga

**Copidesque:** Luiza Aguiar dos Anjos

**Pesquisa:** Luiza Aguiar dos Anjos

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 43 minutos e 39 segundos

**Páginas Digitadas:** 18 páginas

**Observações:**

Entrevista produzida para o *Programa Futebol e Mulheres* desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

A iniciação no mundo esportivo por incentivo da mãe; Ingresso prematuro em equipes profissionais de futebol; Críticas; Contato com jogadoras da seleção; Mudança do futebol 7 para o futebol de campo; Atuação paralela no futebol de campo e no futsal; Motivações que as atletas recebiam; Fechamento das equipes e a atuação em outros clubes; Ausência de vínculo empregatício e remuneração para todas as atletas nos clubes brasileiros; Diferenças entre o futebol feminino e o masculino; Falta de investimento no futebol feminino; Atuação nos Estados Unidos; Diferenças entre os clubes nacionais e o internacional; Escolha entre continuar jogando futebol e poder entrar na faculdade; Encerramento da carreira no futebol de campo; Ausência de divulgação midiática do futebol feminino e de público para os jogos; Sentimento que guarda em relação ao futebol e sua carreira.

Porto Alegre, 24 de setembro de 2014. Entrevista com Lícia Sobrosa Machado a cargo das pesquisadoras Luiza Aguiar dos Anjos e Pamela Siqueira Joras, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.J. – Bom, Lícia, primeiro eu queria te agradecer pela entrevista e gostaria que tu começasses contando para gente como que começou o teu contato com o esporte.

L.M. – Não por isso. O meu contato com o esporte. O futebol em si? Ou com o esporte?

P.J. – Esporte no geral.

L.M. – Comecei tentando de tudo. Na verdade a minha mãe que tentava, me colocando em todos os esportes até eu dar certo em algum. Só que desde pequena eu já tive certa tendência ao futebol. Com três anos de idade, peguei uma bola e comecei a fazer embaixadinha. Meus pais já ficaram meio assim: “Ela tem algum jeito para o futebol”. Mas eles tentaram me colocar no *ballet*, natação, até patinação, ginástica. Fiz de tudo! Até que, com nove anos, minha mãe achou a escolinha do Inter<sup>1</sup>. Quando tinha nove anos, não lembro a data ou o ano exatamente. E daí ela me colocou lá. Desde então comecei a treinar, na equipe, inclusive lá conheci a Rafaela Cavalheiro<sup>2</sup>. A gente se conheceu com nove anos de idade. Era uma escolinha pequena, no momento, tinham poucas alunas ainda. Eu treinava numa aula que eram somente dez alunas, no máximo. Jogávamos Fut7<sup>3</sup>, não era nem futebol de campo na época. Então a escolinha foi evoluindo, eles começaram a montar as equipes, Sub-12, Sub-15, Sub-17, e nisso já existia o profissional, só que a gente nem tinha contato. Até porque eu era muito nova e nem tinha noção ainda de que era, do que envolvia tudo isso. Eu só ia lá e treinava. Bom, com dez anos de idade comecei a participar da equipe Sub-12 que eles montaram. Com onze anos fui para Sub-15 e depois, acho que foi com treze anos já estava na Sub-17 e Sub-19. Depois, quando fiz quatorze anos eles me subiram para o profissional. Acho que foi muito rápido para mim, em cinco anos as coisas foram acontecendo e nunca tive o sonho de ser jogadora, nada. As coisas foram acontecendo aos poucos e como falei, acabou acontecendo muito rápido!

---

<sup>1</sup> Sport Club Internacional.

<sup>2</sup> Rafaela Cavalheiro do Espírito Santo.

<sup>3</sup> Futebol 7.

P.J. – Quando tu saíste e entraste na equipe profissional, sentiu muita diferença, muita dificuldade? Quais os pontos que tu destacarias?

L.M. – Então, na verdade quando entrei na equipe profissional foi só para treinar, porque com quatorze anos eu não podia competir nada, nem Campeonato Gaúcho, era só a partir de dezesseis anos. Então eles quiseram me preparar. Eu estava com quatorze anos, quase quinze. Eles quiseram me preparar para ser uma jogadora, então me chamaram muito cedo e houve muita crítica na época sobre isso. Inclusive de pessoas que estavam acima do cargo, mas quem decidiu foi a Eduarda Marranghelo Luizelli, a Duda, que já é conhecida, juntamente com o treinador da equipe profissional da época, que era o <sup>4</sup>Ciro. E as coisas foram acontecendo assim. O que foi que tu perguntaste, se eu senti dificuldade? Agora me perdi.

P.J. – É, se tu sentiste dificuldade quando tu saíste do Sub-12, Sub-14?

L.M. – Sim. Ah, notei muita diferença, com certeza. Eu acho que não senti a dificuldade. Até no início eu não tinha muita noção de onde estava, eu acho. Porque eu estava em um lugar em que muitas pessoas já queriam estar e ainda não tinham conseguido e às vezes as pessoas falavam. Inclusive uma vez o preparador físico me falou: “Tu joga com tanta tranquilidade que acho que tu não tens noção ainda de onde que tu estás. Tu jogas no meio de jogadoras da seleção brasileira e nem sente o peso dessa responsabilidade”. Na época, acho que tinham quatro ou cinco jogadoras da seleção brasileira e eu, com quatorze anos, na equipe. Eu não tinha muita noção do que realmente estava fazendo. Até porque acho que eu nunca, que nem comentei antes, nunca tive a intenção de me tornar uma atleta profissional e aconteceu muito rápido e acho que não tinha me dado conta. Então essa transição para mim acabou sendo tranquila. O nível, é claro, subiu bastante e quando ia jogar as competições, eu só jogava pelas categorias que eu podia jogar, que era a Sub15, Sub17 e Sub19. Então jogava acho que todo final de semana, por que sempre tinha jogo.

P.J. – Tudo pelo Inter?

---

<sup>4</sup> Nome sujeito a confirmação.

L.M. – Tudo pelo Inter. Jogava por todas essas categorias e treinava no profissional. Então, pra mim, as categorias abaixo acabaram ficando muito tranquilas de jogar.

L.A. – Você falou que aos nove anos você entrou jogando Futebol de 7. E no Sub-12 já era futebol de campo mesmo?

L.M. – É, no Sub-12 já era, porque teve esta transição do local onde a gente treinava. A gente treinava no Parque Gigante<sup>5</sup>, tanto o futebol 7 quanto o futebol de campo eram no Parque Gigante. Não deu nem um ano e a gente já foi para o campo, que hoje é o campo que o profissional treina inclusive, mas antes eram bem mais arcaicas as condições do campo. E a gente já foi para lá, o futebol 7 a gente nunca mais jogou. Acho que foi só o primeiro ano de escolinha, que foi quando eu tinha já tinha uns dez anos, que comecei a jogar. Falei-te que eles montaram as seleções. Comecei a jogar pela seleção Sub-12 do Inter. E a gente tinha alguns jogos assim. Lembro que a Duda fazia a gente ter muitos jogos contra o Grêmio<sup>6</sup>, que era algo que nos motivava bastante! Lembro e tenho algumas medalhas por ter jogado contra o Grêmio. Foi algo bem motivador. Bem motivante. Mas acho que em relação à transição foi isso, para mim foi bem tranquilo. Acho que quando comecei a sentir realmente onde eu estava foi quando comecei a participar dos campeonatos, quando fiz dezesseis anos. Então fiquei um ano e meio assim, não chegou a dar dois anos. Só treinando na equipe adulta. Quando fiz dezesseis anos comecei a competir. Comecei a sentir como funcionavam as coisas. Até por questão de titularidade e tudo mais. Acaba, às vezes, tendo muitos problemas em relação a isso, começa que já não é mais brincadeira! Acaba ficando algo mais sério. Foi nessa época que comecei a sentir. Só que, acho que antes de eu fazer dezessete anos, o Inter fechou. Então profissionalmente mesmo, atuando, só joguei pelo Internacional coisa de um ano. Depois joguei pelo Juventude<sup>7</sup>, pelo Porto Alegre, joguei nos Estados Unidos, no Michigan<sup>8</sup>, time próximo ao Canadá. Era um time. Na verdade cada seleção dos Estados Unidos. Não sei se tu queres que eu entre já no assunto.

---

<sup>5</sup> Centro de Treinamento do Parque Gigante.

<sup>6</sup> Grêmio Foot-ball Porto Alegrense.

<sup>7</sup> Esporte Clube Juventude.

P.J. – Eu queria que tu me falasses um pouquinho mais, de quem influenciou nessa tua entrada no futebol. Teve alguém que você destacaria?

L.M. – Olha, quem mais influenciou acho que foi a minha mãe. [riso] Minha mãe e meu pai, mas principalmente minha mãe, porque ela sempre nos incentivou a fazer esporte, tanto eu, quanto meu irmão, e até... Às vezes sinto falta de talvez não ter feito um inglês, ou algo do tipo. Ela justamente sempre fez o contrário, nos incentivou a fazer esporte e se a gente quisesse fazer algo a mais a gente faria, mas o esporte, a gente não era obrigada a fazer, mas ela sempre incentivou bastante! Tanto é que, como comentei no início da entrevista, ela tentou me colocar em vários até eu achar algo que eu realmente gostasse. E foi o futebol, no caso.

P.J. – E quando tu estavas no Inter, tu teve algum vínculo empregatício com o clube, teve algum contrato, alguma coisa do tipo?

L.M. – Eu não tinha idade para ter carteira assinada, pelo menos até meus dezesseis anos, eu não tinha. Não tinha contrato, não tinha nada. Eu simplesmente ia lá, treinava, não ganhava nada. Só ganhava claro, roupa de treino, uniforme, tênis, chuteira, algum apoio assim, mas nada de salário. Nunca ganhei salário pelo Inter. Se não me engano, só nove ou dez jogadoras tinham carteira assinada. As demais jogadoras, inclusive as que já estavam há mais tempo não tinham carteira assinada. Eram as principais lá, acho que as titulares tinham. Aí quando teve essa transição, o Inter já estava meio que para fechar e no fim a gente nem acabou fechando algum contrato, alguma coisa, nada de carteira assinada também. Inclusive quando completei, acho que foram dezesseis anos, o Grêmio me chamou para jogar e ofereceram salário e tudo o mais. E na época o Inter não estava me dando, estava ainda com esses problemas. Não, minto, não foi com dezesseis, foi com quinze. Eles me ofereceram já para treinar com eles e já me dar algum salário. Não lembro se tinha carteira. Acho que não tinha carteira assinada, porque eu não tinha idade e acabou que não aceitei. [riso] Acho que mais pela paixão pelo clube, porque se fosse por dinheiro acabaria até indo. Estaria no Grêmio, sei lá, naquela época, pelo menos. E logo depois

---

<sup>8</sup> Michigan Phoenix

também o Grêmio fechou, acho que até fechou um ano antes do Inter. Eles me chamaram e logo já fechou.

L.A. – E dessas dez pessoas que tinham a carteira assinada, você percebia que jogar futebol era de fato a profissão principal dessas pessoas, ou não, elas tinham outras ocupações?

L.M. – Eu acho que, com exceção da Duda, que mantinha a escolinha, né, que tinha outro vínculo com o clube. Acho que todas as outras só jogavam futebol. Era o trabalho delas. Não sei precisar exatamente. Sei que tinha uma diferença de salário entre elas, mas era em torno de mil, mil e pouco, que elas ganhavam.

P.J. – E como chegou para vocês a notícia que o clube iria fechar?

L.M. – Olha. Na verdade, acho que foi algo que foi sendo informado aos poucos. Na verdade, o primeiro comentário que ouvi, foi que no final do Gauchão<sup>9</sup>, que no caso, eu não estava participando, eu tinha quinze anos e não podia participar. Eles falaram que o time que ganhasse iria continuar e o time que perdesse iria fechar. Não sei, problemas, o que acontecia na época nos clubes, mas foi isso que chegou até mim na época. E a gente ganhou. O Internacional ganhou e ficou mais um ano e o Grêmio fechou. E deu um ano e o Inter fechou. A questão é que eles não queriam, na verdade, continuar tendo gastos com o feminino. Sendo que, parece que o gasto do feminino era dez, doze mil, porque eles pagavam mais ou menos mil, mil e pouco para cada atleta. E era muito baixo para o clube, né, mas mesmo assim eles não quiseram continuar. E não sei exatamente precisar, assim, o que levou a isso. Na época ouvi comentar em relação à mídia, que não tinha muita mídia, não trazia muito acréscimo para o clube e aí as coisas foram. Eles achavam que estavam gastando demais, sendo que [riso] na verdade o que eles gastavam era muito pouco. Não chegava nem aos pés do salário de um jogador, por exemplo. Foi assim que as coisas foram acontecendo. Depois ainda, acho que a uns três ou quatro anos atrás, eles tentaram retomar com o Grêmio e com o Inter. Eu não lembro se o Grêmio teve, mas o Inter teve e não deu muito certo. Foi só para um campeonato e já fechou de novo e nunca mais teve o que teve naquela época, que eles já vinham de anos e o Inter era o terceiro melhor brasileiro, na

---

<sup>9</sup> Campeonato da Primeira Divisão de Futebol Profissional da Federação Gaúcha de Futebol.

época. Ele tava... Eu lembro...É que os brasileiros eram meio esporádicos, coisa assim. O Inter ia a uma competição e não ia à outra, não lembro também precisar exatamente como era, mas lembro que no último brasileiro o Inter tinha ficado em terceiro lugar. Então era uma força no Brasil, né. O time era muito bom, como já tinha falado, tinha várias jogadoras da seleção brasileira, tinha a Rosana<sup>10</sup> que ainda atua pela seleção brasileira, a Eduarda Luizelli que na época já não atuava mais, mas já tinha atuado. Tinha a Carina Balestra<sup>11</sup> também, vocês devem conhecer. Patrícia Gusmão<sup>12</sup>, não sei, se ela já... Eu acho que ela chegou a atuar pela seleção, mas também não foi muito tempo. A Solani<sup>13</sup>, goleira, também. Tinha algumas peças assim, importantes. A Liése<sup>14</sup>, que jogou na Áustria, a Mônica<sup>15</sup> que hoje também está jogando na seleção.

L.A. – E o encerramento das atividades do feminino foi todo de uma vez, da categoria de base e do profissional, ou a base já vinha se desintegrando antes do encerramento das atividades do profissional?

L.M. – Não, na verdade o que encerrou foi o profissional. Eles tentaram ainda manter a base. Tanto é que continuei jogando lá. Eles tentaram ainda manter uma equipe principal, que não era mais a profissional, mas era a principal. Então ainda joguei mais um ano por essa equipe. Ainda teve essa transição entre o profissional e a equipe principal e depois eles fecharam de vez. Aí a Duda ainda tentou fechar alguns convênios com a Lazio<sup>16</sup> da Itália, mas acabou que também não durou muito tempo e as coisas foram regredindo e aquela equipe do Internacional nunca mais existiu.

L.A. – E ao longo desse período da existência do Inter e do Grêmio que você citou, você viu outras equipes também se organizando de forma semelhante, com treinamentos?

L.M. – No Rio Grande do Sul sempre foi mais Inter e Grêmio. Claro que sempre tiveram outras equipes que tentaram se organizar, mas era de uma forma um pouco difícil, acho

---

<sup>10</sup> Rosana dos Santos Augusto.

<sup>11</sup> Karina Balestra da Luz.

<sup>12</sup> Patrícia Regina Gusmão.

<sup>13</sup> Solani Farias Francisco.

<sup>14</sup> Célia Liése Brancão Ribeiro.

<sup>15</sup> Mônica Hickmann Alves.

que eles não tinham muito investimento também. Onde tinha mais era Inter e Grêmio e mesmo assim foi muito difícil e os dois times acabaram fechando as portas. Então, acho que no Rio Grande do Sul, o futebol feminino sempre teve bastante carência de investimento e por isso as coisas não evoluíram. Tanto é que quando acabei saindo do Inter me falaram: “Ah, vai para São Paulo que aí tu vai se dar bem, vai para outro lugar, vai pra os Estados Unidos”. Então dava para ver que o negócio não era aqui. Continuar aqui não era a melhor estratégia, digamos assim. Aí acabei indo jogar fora, retornei por lesão, joguei pelo Juventude, que ainda foi uma equipe que durou, acho que mais um ou dois anos. Joguei o brasileiro pelo Juventude.

P.J. – Depois que tu saíste do Inter?

L.M. – Depois que saí do Inter, isso. Aí eu já estava com vinte, vinte e um anos. Eu já estava praticamente encerrando a minha carreira [riso]. Então saí do Inter. A minha trajetória foi essa. Ah, esqueci de falar que eu jogava no Inter, quando fui chamada com quatorze anos, fui chamada tanto para o futebol de campo, quanto para o “fut salão<sup>17</sup>”, porque eles montaram uma equipe de salão. A gente treinava no Gigantinho. Então também fiquei esse tempo todo treinando na equipe de salão. Aí fechou tudo junto: a equipe de salão e a equipe de campo. Só que a equipe de salão juvenil continuou existindo e eu continuei treinando na equipe juvenil.

P.J. – Tu lembra, nessa época, algumas competições regionais ou nacionais que vocês participavam?

L.M. – Que eu participei ou que?

P. J. – Ou que o clube participava.

L.M. – Sim, era Gauchão. Teve a Copa Sul, que envolvia Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Teve o Brasileiro também, que não pude participar. Acho que as mais importantes foram essas. E do salão, o Estadual, que o Internacional participou.

---

<sup>16</sup> Società Sportiva Lazio.

<sup>17</sup> Futebol de salão.

P.J. – E dentro da tua carreira e a tua relação com o clube, o que tu consideraste mais importante? O que tu aprendeste de mais importante ou de ponto negativo ou positivo.

L.M. – Em relação ao que, exatamente? Ao futebol? O que eu achei que aprendi de mais importante? Não sei se entendi bem a pergunta...

P.J. – Alguma coisa que tenha te marcado no clube.

L.M. – Na minha vivência?

P.J. – É, tanto positivo, como negativo.

L.M. – Acho que foi o que tinha comentado antes. Talvez no momento que senti a transição entre jogar de uma maneira mais lúdica, sem muita intenção e depois jogar profissionalmente, quando comecei a realmente atuar, acho que o que aprendi foi que as coisas se tornam muitas mais complicadas quando envolvem competição. No sentido que tinha comentado: competição entre quem vai atuar, quem vai jogar no time titular, quem não vai. Então às vezes começa a ter muita intriga, uma querendo tirar o lugar da outra. Então, principalmente o que aprendi foi que quando as coisas ficam mais serias a gente também tem que ter uma postura mais seria e saber lidar. Saber se portar em relação a isso. Talvez naquela época eu fosse muito nova para saber lidar com algumas situações e acho que isso foi uma das minhas principais dificuldades, mas acho que também me fez crescer muito. Mesmo eu sendo nova, talvez seja algo que teria que acontecer lá na frente. Para mim aconteceu muito mais cedo e isso fez com que eu tenha tido esse aprendizado. E talvez ter aprendido a competir, porque nunca fui uma pessoa muito competitiva e quando acordei, não vou dizer que tenha sido tarde demais, mas acho que demorei a entender que as coisas não são tão fáceis como parecem. Acho que a competição gera muitos conflitos. Acho que foi esse o principal aprendizado.

P.J. – E aí depois tu estavas comentando que tu foste para o Juventude e o Juventude também fechou. Quando fechou? Tu estavas presente no clube ou não, tu já tinhas saído de lá?

L.M. – Não, não. Na verdade com o Juventude, foi bem na época em que eu estava voltando dos Estados Unidos, estava voltando de lesão e eles estavam precisando de uma lateral direita que tinha se machucado. A lateral direita que seria a titular, que era a Laranja<sup>18</sup>, se não me engano, não sei se vocês conhecem. Ela era do Grêmio, eu acho. E ela tinha se machucado e eles estavam sem lateral. Eu nunca tinha jogado de lateral, aquela coisa meio improvisada do futebol feminino. Aí tinha umas conhecidas que sabiam que eu tinha voltado dos Estados Unidos, que já estava me recuperando da lesão e me chamaram para participar só do Brasileiro. Então participei só do Brasileiro. Nem treinei pela equipe do Juventude, que eram em Caxias do Sul. Fui direto participar da competição.

P.J. – E como foi a tua ida para o exterior?

L.M. – Então, a minha ida para o exterior. Acho que eu tinha uns dezenove anos, tá? Foi bem na época ali que eu não sabia muito que rumo tomar em relação ao futebol, não sabia se parava ou se continuava, porque aqui no Rio Grande do Sul era algo fraco. Alguns times de São Paulo também já tinham apresentado algumas propostas para eu ir.

P. J. – E nisso tu estava jogando em algum clube ou tu estava parada?

L.M. – Eu estava jogando futsal e treinava ainda com a Duda, treinava eventualmente. Às vezes eu treinava uns meses ou outros, porque gostava muito de jogar campo e na época ela ainda mantinha algumas escolinhas de campo e tudo mais. Escolinhas com algumas equipes, com um pessoal com a idade um pouco mais avançada [riso]. E eu continuava treinando. Ai teve uma época que eu só estava no futsal, estava jogando pela Vernisul<sup>19</sup>. É que joguei em vários clubes, então se eu for falar... mas acho que eu estou falando quase todos. Teve o Porto Alegre<sup>20</sup> também que joguei futebol de campo, mas enfim. Eu estava jogando pela Vernisul, no futebol de salão, joguei dois estaduais, um por eles em 2005 e um em 2008, eu acho, pelo São José<sup>21</sup>. Então estava mantendo mais esse ritmo no futebol de salão. Até que eu voltei a treinar com a Duda, volta e meia ela me chamava para alguma

---

<sup>18</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>19</sup> Associação Esportiva Vernisul.

<sup>20</sup> Esporte Clube Porto Alegre.

competição ou para participar. Eu voltei a treinar com a Duda e no mesmo dia que retornei, ela me perguntou se eu tinha interesse de ir para os Estado Unidos, porque ela tinha recebido um e-mail de uma pessoa de lá perguntando se ela tinha alguma atleta de Porto Alegre para indicar, alguém que ela conhecia de Porto Alegre. Ela disse que tinha me escolhido e perguntou se eu tinha interesse. Falei que eu tinha interesse, então a gente acabou acertando. Acho que em coisa de dois meses eu já estava nos Estados Unidos. Na verdade, fui para lá para fazer teste e caso eles gostassem de mim, ficaria, caso eles não gostassem, voltaria. O investimento foi meu de ir até lá, eles não pagaram passagem, nada, mas lá eu recebi. Fiz o teste e passei. Uma semana de testes, eles me davam uma ajuda de custo bem considerável. Chegava a em torno de uns dois mil dólares essa ajuda de custo.

L.A. – Por mês?

L.M. – Aham. Só que acabei ficando só um mês e meio lá, um mês e pouquinho. Porque me machuquei. Voltei em função de lesão, eu estava com uma lesão bem séria e acabei voltando.

P.J. – E quando tu foste lá para fazer o teste, como é que funcionava? Tu ficaste em algum lugar?

L.M. – Então, eu fiquei em uma casa de família. Eu não tive gasto com nada lá, [riso] eu brinco que não gastei nenhum dólar, eu acho, meu né. Eu não tive gasto, com exceção da passagem para ir. Para voltar eles pagaram. Então não tive gasto com nada, eles me deram a hospedagem, que era em uma casa de família. Acho que é isso. [risos]

L.A. – E era um clube que estava na Liga Americana? Qual era o clube?

L.M. – Era Women's Premier Soccer League o nome da liga. Era uma liga que cada estado tinha um time, uma seleção. Então eu participava pelo estado de Michigan, então cada estado montava uma seleção. No time que eu estava tinham jogadoras da Itália, tinha do Japão, tinha eu do Brasil, tinha de vários lugares. E o resto da equipe eram americanas.

---

<sup>21</sup> Esporte Clube São José.

L.A. – E a estrutura que essa equipe te oferecia com relação às estruturas que você tinha visto no Brasil, no Juventude, no Inter, que comparações que você consegue fazer?

L.M. – [riso] Olha, acho que não tem nem o que comparar. Com exceção do Inter, que eu acho que naquele momento que existiu realmente o futebol profissional no Inter, o negócio era bem organizado, a gente realmente tinha um tratamento bom. Não vou dizer que exemplar, porque nunca se comparava ao tratamento que o futebol masculino tinha. Mas a gente tinha um tratamento bom, a gente tinha um campo de treinamento, a gente recebia uniformes, ganhava almoço, almoçava com os jogadores juniores e juvenis. Inclusive às vezes a gente almoçava com os jogadores profissionais que também almoçavam no local. Mas nos Estado Unidos a estrutura é bem diferente. A gente vê que tem muito mais incentivo, as jogadoras são mais preparadas também, o treinamento é mais exigente, eu treinava lá seis horas por dia. Aqui, quando eu treinava profissionalmente no Inter, a gente treinava só um turno, eram três horas, duas horas e meia, dependendo do dia. Então eu sentia que lá era algo bem mais competitivo do que aqui, tanto que quando fui para lá senti muito mais dificuldade do que quando entrei no profissional, que eu era nova ainda, mas senti muito mais dificuldade lá do que aqui, porque eu sentia que lá, principalmente fisicamente, elas eram muito mais avançadas. Eu não digo nem em questão de estatura, porque isso foi algo que também em alguns momentos me atrapalhou, o meu futebol, mas em questão de preparação física mesmo, elas eram muito mais preparadas. Às vezes a gente tinha que fazer treinamentos que pareciam treinamentos de exército, se arrastar na grama. Mas, né, tipo de treinamento deles, americano [riso].

P.J. – E quando tu tiveste a lesão, como foi à decisão de voltar para o Rio Grande do Sul?

L.M. – Então, na verdade não foi nem uma decisão minha. Eu fui ao médico lá nos Estados Unidos. Me levaram até o médico da equipe e o médico falou que eu estava com uma lesão, que na verdade era por esforço repetitivo e que eu não iria me curar tão cedo porque ela já estava em um ponto que tinha se tornado uma lesão grave. A ponto de eu quase ter fratura por stress. Eu mal conseguia caminhar em campo, naquele momento. Então passei uma semana tentando treinar, mas eu começava a treinar e não conseguia correr, mal conseguia caminhar, tinha que parar a atividade. Começou a repetir, eles tiveram que me

levar no médico e eles falaram que em menos de três meses eu não me recuperaria. E o campeonato que eu fui jogar era de três meses, então pra eles não tinha mais o interesse, pelo menos naquele momento. Então eles falaram: “A gente vai ter que te dispensar. Não é porque a gente quer, mas por motivo de lesão a gente não tem como continuar assim. Depois se tu quiseres de novo, recuperada, a gente sabe como tu joga, a gente gosta do teu futebol e tudo mais, tu podes retornar ao clube”. Mas na época eles acabaram me afastando por motivo de lesão, então retornei para o Brasil e fiz o tratamento. Inclusive o tratamento todo foi pago pela equipe que a Duda dirigia na época. Ela tinha um convênio lá com o fisioterapeuta e tudo mais, ele foi todo pago, não paguei nada do meu tratamento. E continuei jogando pela equipe da Duda, logo depois ela fechou convênio com o Porto Alegre e eu fiquei mais um ano no Porto Alegre, que também é um time que ela acabou coordenando, juntamente com o Assis<sup>22</sup>, o irmão do Ronaldinho Gaúcho<sup>23</sup> e com ele. E aí comecei a voltar para o futebol, mas nunca mais foi da mesma forma. Eu acho que meu ciclo do futebol encerrou naquele momento em que eu voltei dos Estados Unidos, porque depois, também as coisas ficaram mais sérias para mim aqui em relação à faculdade e tudo mais. Ou eu escolhia continuar a carreira no futebol ou estudava. Eu já não conseguia mais treinar todos os dias, para mim já começou a ficar muito difícil. Acabei perdendo um pouco de espaço, estava com problema ainda, me recuperando da lesão, mal ia treinar. Então acabei abandonando aos poucos o futebol. Eu joguei ainda o Brasileiro pelo Juventude depois que voltei dos Estados Unidos, joguei pelo Porto Alegre, ainda atuei pela seleção gaúcha também, que eu tinha atuado antes e atuei depois, que me esqueci de comentar. E depois encerrei, acho que com uns vinte e dois anos encerrei totalmente [riso] a minha carreira no futebol de campo.

P.J. – E se tu pudesses listar qual foi a tua maior dificuldade durante a tua carreira?

L.M. – A maior dificuldade? [pausa para pensar] Eu acho que lidar com as críticas, sempre fui uma pessoa muito perfeccionista, sempre tive dificuldade para ouvir críticas e principalmente quando eu passei por essa transição, como eu tinha falado antes, de começar a parar de jogar, não ter mais tempo para treinar e tudo mais. Comecei a ouvir muitas críticas: “Ela não é mais quem ela era, ela nunca mais jogou a mesma coisa”. Essas

---

<sup>22</sup> Roberto de Assis Moreira.

<sup>23</sup> Ronaldo de Assis Moreira.

coisas que a gente vai escutando e que às vezes escuto até hoje [riso]. Às vezes ate escuto: “Me falaram que quando tu tinhas dezesseis, dezessete anos tu eras uma das que se destacava muito, tu jogavas muito bem, era para ter pegado seleção brasileira e etc., e hoje já não tem o mesmo rendimento”. Eu ainda escuto até hoje e acho que foi algo que talvez eu nunca gostei muito de ouvir e que tenho mais dificuldade ainda para lidar com isso, para entender que talvez aquele momento já tenha passado e as pessoas continuam a comentar, a falar. E desde a época também, que eu tinha falado no início da entrevista, que quando fui chamada para o profissional do Inter, com quatorze anos, fui muito criticada. Disseram que eu era muito nova, que não tinha capacidade, por mais que eu jogasse bem, que não teria capacidade para assumir aquilo. Teve crítica de tudo que é lado, tanto do pessoal que torcia, desde as categorias de base, que tinham as filhas que eram minhas amigas, digamos assim, e queriam que elas subissem também e acabaram não subindo, até os dirigentes, que às vezes também acabaram duvidando um pouco, mas, enfim. Acho que foi isso, o principal. [riso]

L.A. – E paralelamente a esses esforços de jogar o futebol de campo em níveis profissionais ou semiprofissionais, você também estava tentando a mesma coisa no futsal, ou o futsal ficou mais no âmbito do lazer?

L.M. – Então, na verdade, como comecei com o campo e eu, pelo menos na época, sempre gostei mais do futebol de campo, para mim o futsal foi sempre algo em segundo plano. E na verdade o esporte em si acabou ficando em segundo plano para mim. Quando comecei a estudar e tudo mais, na faculdade, acho que o futsal aí ficou em terceiro plano [riso]. Mas o futsal para mim sempre foi segundo plano. Até que em um momento, inclusive, a Rosana, jogadora da seleção brasileira, ela falou assim: “Tu jogas muito bem futebol de campo, mas não adianta, tu é jogadora de salão, tu realmente tens as características do salão” e acho que no momento que ela falou isso comecei a abrir um pouco os olhos para o salão. Eu comecei a me identificar e cada vez mais a jogar no salão também. Acho também, porque as coisas foram se encaminhando para isso, como o futebol de campo foi fechando, aqui no Rio Grande do Sul. O futsal foi abrindo um pouco mais as portas. Também acho que talvez aquele primeiro plano, que era o campo, trocou pelo futsal. Então depois que eu realmente me aposentei no futebol de campo, só joguei futsal e desde então foi meu primeiro plano em relação ao esporte e segundo em relação a minha vida. [riso] Não sei se

tem mais alguma coisa. Deu para entender mais ou menos? É que às vezes para eu lembrar de tudo é muita coisa!

L.A. – Só para complementar, já que a gente entrou no salão, você chegou a jogar profissionalmente salão?

L.M. – Sim. É. Profissionalmente é relativo. Mas sim, de ter que assinar para a Federação e tudo mais, sim.

L.A. – Isso foi em times aqui de Porto Alegre?

L.M. – Sim, eu joguei pelo Inter, que profissionalmente, pelo Inter eu não joguei nenhum campeonato. Não joguei o estadual pelo Inter, só municipais, JIRGS<sup>24</sup>, esses campeonatos mais. Joguei alguns campeonatos também no exterior, que a gente jogava no Uruguai, joguei pelo Vernisul, de Canoas, joguei pelo São José, de Porto Alegre, e acho que só. Ah, joguei pela ASTTI<sup>25</sup> também. [risos] Pelo Lindóia Tênis Clube<sup>26</sup>. Depois eu vou lembrando.

L.A. – E nesses lugares eram oferecidas estruturas de treinamento, mas eles não remuneravam as atletas?

L.M. – Não, nunca fui remunerada. Nunca com carteira assinada. O único em que realmente recebi algo que para mim foi interessante foi nos Estados Unidos, que foi por pouco tempo também. Mas lá, eu acho que normalmente o pessoal que vai para lá acaba recebendo um apoio maior. Eu não sei exatamente se o apoio é da forma que eu recebi, mas acho que pelo menos algo a mais eles oferecem do que no Brasil.

L.A. – Lembrei só de mais uma coisa. Você falou de varias pessoas que falavam “Ah, você tem que ir para São Paulo, você tem que ir para São Paulo!”. Existiam pessoas de São

---

<sup>24</sup> Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul;

<sup>25</sup> Associação dos Profissionais em Telecomunicações e Tecnologia da Informação.

<sup>26</sup> Lindóia Tênis Clube.

Paulo que vinham aqui observar o futebol do pessoal do Rio Grande do Sul, você via ou tinha notícia disso?

L.M. – Olha, na verdade quando vinham olheiros eram da seleção brasileira. Acho que dificilmente. O que às vezes eles acompanhavam, eles tinham informações, por exemplo, com a Duda, com as jogadoras, com a Bel<sup>27</sup> e não sei o que. Elas indicavam e volta e meia eu recebia algumas propostas por indicação, não era nem porque às vezes eles me viam jogar. Eu acho que teve uma vez ou outra que eles me viram jogar, porque daí teve uma época que o São Paulo quis que eu fosse jogar pelo futebol de campo. Eu acabei não indo porque envolviam outros processos, na época minha mãe estava mal de saúde e acabei não indo. Mas acho que é mais por indicação. Já teve outros times dos Estados Unidos, até no México [risos], na Itália futebol de salão, mas realmente “para fora” eu acabei indo só para os Estados Unidos.

L.A. – E essas propostas do México, São Paulo, eram atrativas a ponto de você achar assim: “Isso pode se tornar a minha profissão”?

L.M. – Eram [riso]. Eu até vou te dizer que no México muito mais do que em São Paulo, mas eram, eram atrativas, só que no momento realmente não. Eu optei por outras coisas. Na verdade, era um momento que eu já estava meio que parando, foi nesse momento que eu estava escolhendo mais a minha profissão do que o futebol. Além da profissão estava envolvendo outros problemas familiares e acabei optando por não continuar. Senão [riso] quem sabe eu poderia ter ido, poderia ter outras histórias para contar [riso]. Mas acabei não indo [riso], recusei as propostas. A única proposta realmente que aceitei foi “para fora”, a dos Estados Unidos.

P.J. – E como era a situação geral do futebol feminino no Brasil, tu se lembra de ver alguma coisa na TV, no jornal, alguma coisa relacionada à mídia?

L.M. – Olha, em relação à mídia realmente é muito difícil. Quando aparecia algo todo mundo sabia [riso] porque era algo muito difícil. Teve um jogo meu que foi televisionado,

---

<sup>27</sup> Isabela Cristina Nunes.

que era Juventude versus Santos<sup>28</sup>, e na verdade só foi televisionado por causa do Santos, que na época tinha algumas jogadoras que eles estavam investindo, inclusive na Marta<sup>29</sup>. A Marta foi chegar um ano depois, mas eles já estavam com algumas jogadoras muito boas, então a mídia já estava em cima do Santos e todos os jogos do Santos passavam na TV. Na verdade, não foram os jogos do Brasileiro, foram os jogos do Santos. Aí a gente apareceu “por tabela” [riso] por causa disso. Mas em relação à mídia, para tu ver, atuei todo esse tempo e a única vez que eu realmente fui aparecer [riso] na televisão foi em um jogo, no campeonato brasileiro. Eu já dei, às vezes, alguma entrevista para rádio também, principalmente quando a gente ia jogar no exterior [riso], no interior. Eles passavam, transmitiam - não sei como é que se diz - pela rádio alguns jogos. Mas acho que TV realmente foi só desta vez. E em rádios, mais no interior do Estado.

L. A. – E nos estádios, costumava ter público assistindo os jogos de vocês?

L.M. – Muito pouco. Tinha, mas era muito pouco. [risos] Em estádios, nunca joguei no Beira Rio pela equipe profissional, porque normalmente eles liberavam só o suplementar para a gente jogar, então nessa época a gente jogou no suplementar, quando eu já estava atuando. E no Beira Rio nunca atuei, atuei no Alfredo Jaconi<sup>30</sup> algumas vezes, lá teve um público considerável, mas nunca foi nada. Não chega nem aos pés do futebol masculino. Acho que o jogo que mais tinha público [riso] foi quando a gente fez uma preliminar, mas isso eu tinha quinze ou dezesseis anos. A gente fez uma preliminar de uma seleção, acho que era seleção Sub-17, ou Sub-19 do Inter contra outro time e era antes de um Grenal<sup>31</sup>, então eu acho que tinha umas sessenta mil pessoas assistindo já, [riso] porque o estádio já estava bem cheio. Não, [riso] umas cinquenta mil, até encher tudo. Mas era muita gente, foi bem legal! E a gente sabia que aquele público não era para gente, mas só de saber que ele estava ali já era gratificante.

L.A. – E durante o jogo, você sentiu a torcida se manifestando?

---

<sup>28</sup> Santos Futebol Clube.

<sup>29</sup> Marta Vieira da Silva.

<sup>30</sup> Estádio Anfredo Jaconi em Caxias do Sul (RS).

<sup>31</sup> Partidas entre Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Sport Club Internacional.

L.M. – Sim, eles se manifestaram, dava inclusive para ouvir algumas vozes, foi bem legal! Foi bem diferente porque a gente não estava muito acostumada com público. Claro que, principalmente quando a gente foi jogar, acho que estadual de salão, porque no salão, eu acho que a gente sente mais a torcida do que o futebol de campo que é mais afastado. Já joguei em estádios que estavam lotados, com bastante público até. Eu não vou dizer em proporções porque o futebol de campo sempre é maior, então às vezes pode ter mais gente no futebol de campo assistindo, mas nunca teve um local lotado como no futebol de salão já teve algumas vezes. Também foi bem legal, é bem diferente jogar quando tem o público incentivando.

P.J. – E tu te lembras de a equipe profissional feminina do Inter ter jogado alguma vez no Beira Rio?

L.M. – Lembro, lembro. Inclusive acompanhei a equipe nessa final que teve antes do Inter fechar. Acompanhei a equipe, a gente participou do vestiário e tudo e aí subi só para assistir o jogo. Foi uma partida bem interessante, tinha um público bom também. Razoável, né, para futebol feminino. Não sei exatamente o que tu queres saber desse jogo, quer sobre algo específico?

P.J. – Que jogo que era?

L.M. – Era um Grenal, era a final do Gauchão. A gente começou perdendo de 2 x 0, 3 x 0 e a gente virou para 4 x 3 ou 3 x 2, se não me engano. Todos os gols da Duda, ela entrou aos vinte e cinco minutos do segundo tempo e fez todos os gols. [riso] Acho que foi uma das últimas participações dela inclusive, depois ela se aposentou.

P. J. – Tem mais alguma coisa que a gente não perguntou que tu gostarias de comentar?

L.M. – Não, acho que falei bastante. [riso] Talvez tenha ficado alguma coisa para trás, porque não me lembro de toda minha trajetória, às vezes vou lembrando algumas coisas enquanto vou falando. Mas acho que basicamente é isso. E acho que a minha principal tristeza é que realmente o futebol feminino, no Rio Grande do Sul, só decaiu. Eu não sei até como está hoje, mas também não vejo nada muito diferente, mas acho que em relação

àquela época. Que nem o pessoal comenta: “Nunca mais vai ter o que teve naquela época”, que era algo bem legal. Acho que só quem viveu mesmo vai lembrar e vai trazer as informações com alegria do que era o futebol naquela época, o feminino, dentro do Rio Grande do Sul. Hoje existem algumas equipes ainda, mas nunca mais foi organizado como foi daquela forma, naquela época. Então acho que essa é a tristeza que tenho em relação ao futebol feminino, porque acho que tem muitos talentos aqui e no Brasil inteiro, não falo nem no Rio Grande do Sul, no Brasil inteiro e que são desperdiçados. Tanto é que a gente vê a nossa seleção hoje. As próprias gurias que estão lá, algumas passaram por muitas dificuldades, olha, eu acho que a maioria, passou por muitas dificuldades para estarem lá. Eu dou muito valor a quem está lá, porque acho que elas foram muito guerreiras, porque passar por tudo que a gente passa no futebol feminino não é fácil. [riso] Então, acho que é isso, para encerrar!

P.J. – Lícia, obrigada de novo!

L.M. – De nada! Desculpa se eu enrolei alguma coisa, mas é que às vezes é muita coisa para pensar. [riso]

[FINAL DA ENTREVISTA]